

The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is historical and intense.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16.....	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17.....	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18.....	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19.....	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20.....	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21.....	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22.....	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

CAPÍTULO 7

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO* (1406)

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 06/11/2020

Jorge Luiz Voloski

Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Membro do LEM - Laboratório de Estudos Medievais.
<http://lattes.cnpq.br/1633673237623138>

Sofia Alves Cândido da Silva

Universidade Estadual de Maringá - UEM. Membro do LEM - Laboratório de Estudos Medievais.
<http://lattes.cnpq.br/5130423258258279>

Lucas Vieira dos Santos

Universidade Estadual de Maringá - UEM. Membro do LEM - Laboratório de Estudos Medievais.
<http://lattes.cnpq.br/9621649896074681>

RESUMO: Neste capítulo buscamos discutir o conceito de maravilha no livro *Embaixada a Tamerlão*, redigido em 1406. Nosso intuito é o de compreender de que forma as maravilhas, comuns nas obras que tratam das viagens e viajantes medievais, são descritas no relato elaborado por Ruy González de Clavijo, autor do livro. Para atingirmos este objetivo, comparamos três edições diferentes, uma produzida em 1582, outra em 1782 e, por fim, uma organizada em 2004.

PALAVRAS-CHAVE: Embaixada, Maravilha, Tamerlão.

THE WONDERS IN *EMBASSY TO TAMERLANE* (1406)

ABSTRACT: In this chapter we seek to discuss the concept of wonder in the book *Embassy to Tamerlane*, written in 1406. Our aim is to understand how the wonders, common in the works that deal with travels and medieval travelers, are described in the account prepared by Ruy González de Clavijo, author of the book. To achieve this goal, we compared three different editions, one produced in 1582, another in 1782 and, finally, one organized in 2004.

KEYWORDS: Embassy, Wonder, Tamerlane.

1 | INTRODUÇÃO: O CONCEITO DE MARAVILHA

De maneira assertiva Paul Veyne (1995) coloca a História como construída de forma conceitual. Entretanto, Henri-Irénée Marrou é quem melhor apresenta a importância dos conceitos para a construção do conhecimento histórico. Para o autor, haja vista a impossibilidade de uma clareza total dos fatos decorridos, os conceitos, elaborados “pelo espírito humano”, mutilam a realidade e possibilitam, conseqüentemente, sua apreensão. Assim, compreender historicamente o passado implica na substituição de um dado bruto, incompreensível, por um sistema elaborado de conceitos, os quais qualificam o acontecimento estudado sem lhe dar forma ou rosto (MARROU, 1978).

Referidos acontecimentos alcançados do passado, sendo excepcionais, de acordo com Reinhart Koselleck, faz com que todo conceito só possa, enquanto tal, uma única vez ser expressado e falado, levando toda formulação teórica e abstrata a relacionar-se a uma ação concreta que é exclusiva. Buscando melhor esboçar sua perspectiva, o autor apresenta o exemplo de Aristóteles e sua conceitualização de *Koinonia Politike*, pensada e utilizada na realidade de seu formulador, ou seja, Atenas do século IV a. C. Quando o termo é posteriormente traduzido, como *Res Publica*, ou *Societas Civitas*, na forma de Cicero, altera-se o quadro histórico. O autor conclui então que,

A palavra pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto, o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente. O que, portanto, é uma *societas civilis* depende do momento em que o termo é empregado, se no primeiro ou quarto século depois de Cristo. Isso significa assumir sua variação temporal, por isso mesmo histórica, donde seu caráter único (*einmalig*) articulado ao momento de sua utilização (KOSELLECK, 1992, p.138)¹.

A problemática apresentada por Reinhart Koselleck (1992) certamente pode ser direcionada ao debate do “maravilhoso” na Idade Média, assim como faz Jacques Le Goff, ao afirmar que a principal dificuldade de estudar as *mirabilia* em uma sociedade está no vocabulário. Para o autor, é impossível fazer uma análise aprofundada do tema sem fazer o reconhecimento semântico da palavra. Direcionando tais estudos, o pesquisador destaca dois pontos: primeiramente, a compreensão atual de maravilha; em segundo, “como é que os homens da Idade Média entendiam e exprimiam aquilo a que nós hoje chamamos maravilhoso” (LE GOFF, 1985, p.19).

Sobre a percepção atual de “maravilhoso”, Leonardo Meliani Velloso aponta um universo de elementos, os quais consistem no que era considerado não usual, que causava, tanto no observador quanto no leitor ou ouvinte, uma sensação de fascínio, deslumbramento, estranhamento, estupefação (VELLOSO, 2017, p. 30). Porém, há nesta definição uma problemática relacionada ao vocabulário, que pode ser visualizada no momento em que partimos das afirmações de Cyril Aslanov, as quais apontam que toda tradução é uma manipulação, posto a nunca equivalência “perfeita entre os termos de duas línguas, assim como em uma mesma língua a sinonímia absoluta não existe” (ASLANOV, 2015, p.104).

Leonardo Meliani Velloso (2017) parte dos escritos de Le Goff (1985), nos quais o autor utiliza termos do francês, como *merveilleux* e *merveilleable*, não levando em consideração as adições e substituições de sentido que o termo recebe em outros idiomas com o passar dos séculos.

Nesta direção, David Nogales Rincón ao falar do maravilhoso como uma emoção coloca que

1. Importante destacar também que, para Reinhart Koselleck, “a questão irá certamente complexificar-se quando pensarmos no emprego do mesmo termo *societas civitas* em nossas sociedades modernas” (KOSELLECK, 1992, p. 138). Isso também vai ao encontro do estudo do “maravilhoso”.

Neste sentido, o castelhano medieval prescinde ou atribui a termos presentes no espanhol atual expressões desta emoção umas nuances semânticas muito específicas, afastado dos perfis de maravilha medieval, como os termos *pasmo/pasmar*, que tem em castelhano medieval uma preferente dimensão médica, ou *surpresa/surpreendente*, *galicismo* só incorporado ao castelhano em fins do século XVII com o significado de ataques militares imprevistos² (NOGALES RINCÓN, 2017, p. 3-4, tradução nossa).

Já quando pretendemos entender o que os homens do medievo compreendiam e exprimiam como maravilhoso, um caminho possível a ser seguido é a partir da raiz etimológica do termo. Nesta direção, Maria Cristina Azuela Bernal afirma que está na própria raiz da palavra latina, *mirari*, a ideia de admirar e surpreender. Assim, ao longo do medievo, o maravilhoso se sustenta na mirada maravilhada que o contempla. Isso implica a reação visual do espanto, mas não unicamente, já que envolve uma gama de emoções no receptor, as quais incluem desde o terror da condenação ao encantamento místico. Além do mais,

É curioso que o verbo *mirari* ao princípio não se relaciona com os verbos ligados a mirada, que nem sequer compartiam [a mesma] raiz (como 'ver', 'observar' ou 'contemplar'); e que seja só posteriormente quando se vinculam ambas as ideias. Sem embargo, já foi que cativaram ou horrorizaram a quem as via, as maravilhas, ainda que dotadas de existência por si mesma, se oferecem como espetáculo através das palavras que pretendiam representá-las, de feito as produzindo (como há notado Dubost)³ (BERNAL, 2015, p.17, tradução nossa).

Podemos definir que, etimologicamente, o entendimento amplo do indivíduo medieval de *mirabilia*, e suas derivações, como *mira res* e *mira admirationis*, na qualidade daquilo incomum, que causava admiração, espanto, fascínio, por parte de quem via ou escutava (AMORIM, 2015, p.139).

Em suma, a partir dos elementos supracitados, podemos perceber três diferentes percepções do maravilhoso. Na primeira, observamos a maravilha como conceito, excepcional, expressado uma única vez nas fontes, por exemplo, conforme as discussões de Kosellek. Já na segunda, a partir dos estudos de Le Goff, temos a percepção atual de maravilha, a qual recebe influência, dentre outras coisas, dos diferentes idiomas. Por fim, perceberemos a percepção ampla do maravilhoso em determinado momento, no caso específico desse artigo, na Idade Média.

2. En este sentido, el castellano medieval prescinde o atribuye a términos presentes en el español actual expresión de esta emoción unos matices semánticos muy específicos, alejados de los perfiles de la maravilla medieval, como los términos *pasmo/pasmar*, que tiene en castellano medieval una preferente dimensión médica, o *sorpresa/sorprender*, *galicismo* solo incorporado al castellano a fines del siglo XVII con el significado de ataque militar imprevisto (NOGALES RINCÓN, 2017, p. 3-4).

3. Aunque es curioso que el verbo *mirari* al principio no se relaciona con los verbos ligados a la mirada, que ni siquiera compartían esa raíz (como 'ver', 'observar' o 'contemplar'); y que sea solo posteriormente cuando se vinculan ambas ideas. Sin embargo, ya fuera que cautivan o que horrorizaron a quien la veía, las maravillas, aunque dotadas de existencia por sí misma, se ofrecen como espectáculos a través de las palabras que pretendiendo representárlas, de hecho las producen (como ha notado Dubost) (BERNAL, 2015, p.17).

Com essas conjunturas em perspectiva, objetivamos adicionar alguns pontos ao estudo referente àquilo que os homens da Idade Média entendiam e exprimiam como “maravilha”. Ao selecionarmos para a análise uma única fonte, não pretendemos fazer de modo semelhante a Tim Geelhaar no escrito intitulado *Talking about christianitas at the Time of Innocent III (1198-1216): What does word use contribute to the History of Concepts?* (2015), no qual há uma análise semântica da palavra “Christianitas”. Em contraste, buscaremos perceber o que provoca a maravilha no autor da obra *Embajada a Tamorlán* (2004), por meio do estudo do uso da palavra⁴.

Utilizaremos três versões da obra escrita por Ruy González de Clavijo, cada qual redigida em diferentes contextos: *Historia del gran Tamorlan e itinerário y enarracion del viaje, y relacion de la embaxada que Ruy Gonçalez de Clavijo le hizo, por mandado del muy poderoso Señor Rey Don Henrique el Tercero de Caftilla. Y um breve discurso fecho por Gonçalo Argote de Molina, para mayor inteligênciã deste libro*, organizada por Gonçalo Argote de Molina e publicado em 1582; a versão *Historia del Gran Tamorlan, e itinerário y enarracion del viagem, y relacion de la Embajada que Ruy Gonzalez de Clavijo le hizo por mandado del muy poderoso señor Rey Don Henrique el Tercero de Castilla: y um breve discurso fecho por Gonzalo Argote de Molina para mayor inteligênciã deste Libro. Segunda impresion, a que se há añadido la vida del Gran Tamorlan sacada de los comentários, que escribió Don Garcia de Silva y Figueroa, de su Embajada al Rey de Persia*, publicada em 1782; por fim, *Embajada a Tamorlán*, versão em castelhano moderno, traduzida por Francisco López Estrada do ano de 2004.

Assim, tendo em vista a pretensão de analisar o maravilhoso medieval, teremos como principal base a versão impressa de 1582. Em contra partida, devido as questões semânticas, morfossintáticas, entre outras, apresentaremos aos leitores frases da versão moderna da obra, tendo o cuidado para que não existam, nos trechos selecionados, grandes mudanças no sentido.

2 | EMBAIXADA A TAMERLÃO

O livro *Embajada a Tamerlão*, redigido, supostamente, por Ruy González de Clavijo, descreve o itinerário percorrido por um grupo de indivíduos, os quais conformavam uma embaixada, entre os anos de 1403 e 1406. O trajeto teve início na cidade de Cádiz, em Castela e possuía como objetivo o encontro com Tamerlão, imperador dos Mongóis. De começo incerto, visto incerteza da localização de Tamerlão, a viagem tem seu destino confirmado ao longo do deslocamento, no momento em que a notícia da permanência do imperador em Samarcanda é recebida. Tal cidade configurava-se enquanto capital do Império e tornou-se o destino da embaixada castelhana.

4. Em outras palavras, ao termo a “maravilha” como conceito, faremos conforme defendido por José D’ Assunção Barros, analisando o “primeiro ambiente do qual provém os conceitos historiográficos: as próprias fontes históricas” (BARROS, 2016, p.152).

A viagem foi proposta por Enrique III, rei de Castela e Leão, com o objetivo de estabelecer contatos diplomáticos com o imperador mongol. A elaboração desta empresa ocorreu no momento em que dois cavaleiros castelhanos, Payo Gómez de Sotomayor e Hernán Sánchez de Palazuelos, regressaram à corte de seu soberano, trazendo junto a eles um enviado de Tamerlão, Mohamad Alcagi. Estes três homens portavam notícias acerca do líder mongol, pois, estavam presentes na Batalha de Ankara (1402), na qual o imperador timúrida enfrentou e derrotou o líder turco, Bajazeto I.

Dessa forma, o rei ocidental propôs a formação de uma embaixada, na qual Ruy González de Clavijo (cavaleiro madrilenho) era participante. Além do autor do livro, compunham o grupo de embaixadores: Frade Alonso Páez de Santa María e Gómez de Salazar (mestre de armas), o enviado de Tamerlão, além de aproximadamente catorze ajudantes, que auxiliavam no transporte dos objetos e presentes, elementos característicos às viagens diplomáticas.

Ademais, a obra possuía o objetivo de informar Enrique III acerca dos acontecimentos do Oriente, bem como, a respeito de Tamerlão. Por este motivo, *Embaixada a Tamerlão* tem um caráter amplamente descritivo e, por esta razão, é possível observarmos, por exemplo, as diferentes regiões pelas quais a embaixada perpassou. Em um primeiro momento, o autor nos demonstra que o percurso foi realizado por vias navegáveis e, em um segundo momento, a empreitada passou a ser realizada por terra, tanto a pé e, bem como, com o auxílio de equinos.

Devido à distância que deveria ser percorrida entre Cádiz e Samarcanda, os viajantes se depararam com diversas problemáticas, dentre estas, um naufrágio, o calor e algumas dificuldades envolvendo práticas culturais distintas dos embaixadores. Além disso, a duração da viagem também relaciona-se com as diferentes localidades pelas quais os embaixadores atravessaram⁵, sendo que o autor confere à Constantinopla e à Samarcanda papéis de destaque, conforme o usual, já que as cidades nos livros de viagem medievais constituem-se enquanto elementos centrais dos relatos.

Outra característica da obra é a ausência de demarcações autorais, fato comum na Idade Média. Contudo, a partir de diversos estudos, como o de Francisco Lopéz Estrada (1999), tem-se a definição de que Ruy González de Clavijo é o autor do livro. Isto se deve à alguns fatores, como por exemplo, a existência de três homens na embaixada que teriam os conhecimentos necessários para redigir uma obra. Um destes é Gómez de Salazar, contudo, este mestre de armas falece durante o percurso, não sendo possível que ele seja o autor.

Os outros dois são: Ruy González de Clavijo e Frade Alonso Páez de Santa María. Porém, Francisco López Estrada nos argumenta que o autor mais provável é o cavaleiro madrilenho,

5. Dentre as regiões visitadas pelos viajantes, destacamos o Império Bizantino, a rota realizada no Mar Negro e o trajeto percorrido nos domínios de Tamerlão (atualmente as regiões percorridas estão situadas na Turquia, Irã, Turcomenistão e Uzbequistão).

[...] sabemos que Clavijo havia sido escritor e tinha condições e obras como poeta no gênero cancionero. Pela sua idade, o que supõe uma experiência no uso da escritura, podemos considerar também como autor de prosa castelhana, conforme exigido pelo manuscrito, ou como inspirador decisivo do mesmo. Portanto, ele é tido como autor da obra⁶ (LÓPEZ ESTRADA, 2005, p. 520, tradução nossa).

Redigida inicialmente em Castelhamo, a produção ocorreu assim que os viajantes retornaram, em março de 1406. Essa demarcação temporal se deve a ausência no final do livro de comentários a respeito da morte do soberano castelhamo, Enrique III, falecido em 25 de dezembro de 1406 (FALASCO, 2012).

Contudo, os pesquisadores que se debruçam no estudo da obra castelhamo não encontraram o manuscrito original do livro. Sendo que, a produção mais antiga que possuímos acesso, é um manuscrito datado do século XV e está disponível na Biblioteca Nacional da Espanha, em Madri. Outro manuscrito, acondicionado na mesma instituição, possui características do século XVI, sendo anterior a primeira edição impressa da obra. Esta primeira impressão foi produzida em 1582, por Gonçalo Argote de Molina, na casa de Andrea Pescioni, possui uma “introdução” de seu impressor e encontra-se digitalizada no site da Biblioteca Complutense⁷.

A princípio, intitulado *Historia del gran Tamorlan e itinerario y enarracion del viaje, y relacion de la embaxada que Ruy Gonçalez de Clavijo le hizo, por mandado del muy poderoso Señor Rey Don Henrique el Tercero de Castilla*, o livro sofreu alterações em seu título. Sendo que, atualmente, a denominação utilizada majoritariamente são as variações e traduções de “*Embajada a Tamorlán*”, conforme, utilizado em algumas ocasiões no decorrer do capítulo, a tradução “*Embaixada a Tamerlão*”.

3 | O MARAVILHOSO EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO*

Conforme explorado anteriormente, enquanto os indivíduos da Idade Média pensavam o maravilhoso como um universo de objetos e coisas, nós, da atualidade, vemos uma categoria do espírito ou da literatura. Esse conjunto de manifestações é inventariado da seguinte maneira pelo pesquisador Jacques Le Goff: “as terras e os lugares”, como os penhascos, montanhas, cidades, castelos, torres, túmulos; “os seres humanos e antropomórficos”, homens e mulheres com particularidades físicas; “os animais”, os quais podiam ser tanto reais e nunca vistos antes pelo narrador, como as girafas e elefantes, quanto irrealis, entre eles, por exemplo, os dragões e unicórnios; “*Mischwesen*”, que eram os seres metade homem e animal; por fim, os “objetos”, como anéis protetores e espadas mágicas (LE GOFF, 1985, p. 32-33).

6. [...] sabemos que Clavijo había sido escritor, y tenía condiciones y obra de poeta en el género cancioneril. Por su edad, que le supone experiencia en el uso de la escritura, puede considerársele también como autor de prosa castellana, según requiere el manuscrito, o como inspirador decisivo del mismo. De ahí que se le tenga el como autor de la obra (LÓPEZ ESTRADA, 2005, p. 520).

7. Francisco López Estrada na edição de 1999 do livro *Embajada a Tamorlán* descreve aos leitores as diversas versões da obra, desde o manuscrito mais antigo às produções mais recentes, bem como as traduções realizadas.

Dentro dessa categoria, Vladimir Acosta ressalta algumas maravilhas presentes no livro *Embaixada a Tamerlão*. Destas, além da árvore seca e dos feitos milagrosos associados as relíquias,

Clavijo fala, além do mais, de outros prodígios: menciona os rios do Paraíso Terrestre; descreve, ainda que [só] ouvidas, as riquezas do Catay e indica que seu soberano é Cristão, o que pode fazer pensar em algum ponto da lenda de Preste João; descreve os barcos do porto Persa de Ormuz, desprovidos de prego para evitar as ilhas próximas ou montanhas magnéticas (...); faz uma descrição muito exata da girafa, a que sem embargo chama de jornufa; menciona uma espécie de mar de areia; e descreve com precisão o reino das amazonas, guerreiras cristãs de fé grega, súditas de Tamerlão como antes foram do senhorio de Catay, e descendentes das heroínas que combateram na guerra de Troia ao lado dos vencidos troianos⁸ (ACOSTA, 1992, p. 258, tradução nossa).

Importante destacar que atualmente não somente categorizamos as manifestações maravilhosas da Idade Média, mas também associamos outros termos a tais ocorrências. Francisco López Estrada, na versão moderna do livro *Embajada a Tamorlán*, faz o uso de sinônimos, quando, por exemplo, utiliza sete diferentes palavras no lugar das locuções “maravillosa”, “maravilla”, “maravillosas”, “maravillosamente”. Os vocábulos utilizados pelo autor são: “admirable”, “asombro”, “sorprendente”⁹, “asombrosa”, “admirablemente”, “excelentemente”, “admiración”.

Ao utilizar referidos sinônimos, Francisco López Estrada demonstra como entendemos o maravilhoso atualmente, ou seja, como algo admirável, surpreendente, assombroso. As excepcionalidades do uso do termo, além do mais, são justificadas pelo autor com a afirmação de que a edição “é uma livre versão do texto medieval em espanhol moderno, escrita para que se possa ler sem problemas linguísticos”¹⁰ (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 24, tradução nossa).

Entretanto, algumas questões controversas podem surgir no momento que López Estrada (2004) não segue fielmente o sentido do relato do texto medieval, falsificando de forma abrupta a tradução¹¹. Observamos isso em duas ocasiões distintas: em primeiro lugar,

8. Clavijo habla, además, de otros prodígios: menciona los ríos del Paraíso Terrenal; describe, aunque oídas, las riquezas de Catay e indica que su soberano es Cristiano, lo que puede hacer pensar en algún remanente de la leyenda del Preste Juan; describe los barcos del puerto persa de Ormuz, desprovistos de clavos para evitar las cercanas islas o montañas magnéticas (...); hace una muy exacta descripción de la jirafa, a la que sin embargo llama jornufa; menciona una suerte de mar de arena; y describe con precisión el reino de las amazonas, guerreras cristianas de fe griega, súbditas de Tamerlán como antes lo fueron del señorío de Catay, y descendientes de las heroínas que combatieron en la guerra de Troya del lado de los vencidos troyanos (ACOSTA, 1992, p. 258).

9. Sobre o termo “sorprendente”, é importante relembra o já exposto anteriormente, que somente no século XVII é incorporado ao castelhano com o sentido de ataque militar imprevisto.

10. “es una libre versión del texto medieval en español moderno, escrita para que pueda leerse sin problemas lingüísticos” (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 24)

11. Sobre a tentativa de ser “fiel” a versão moderna López Estrada aponta que sua versão “sólo procura seguir fielmente el sentido del relato de un texto medieval, y el lector que quiera conocer em el castellano antiguo la obra original y mis notas aclaratorias, puede acudir a mi edición de 1999 en la que me he basado para redactar esta versión” (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 24).

no momento em que o autor ignora a palavra, e nem utiliza seus sinônimos, resultando no diferente efeito entre o leitor moderno e do medievo, assim, por exemplo, uma estátua de cavaleiro, sozinha, não causa mais o maravilhamento¹². A outra ocasião está ligada com o entorno do maravilhoso, o qual transforma, por exemplo, a maravilha causada pelo “ouvir”, na versão de 1582, que passa a ser promovida pelo “ver”, na versão atual¹³.

Entre tantas diferenças das versões, é importante lembrar que Francisco López Estrada no começo de sua obra alerta o leitor que não conservou “nem as palavras nem a organização sintática do texto antigo” (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 24)¹⁴. A comparação entre as edições se justifica ao elucidarmos o contexto em que está sendo produzida. Visto que o nosso intuito não é o de estudar a contemporaneidade, focamos na versão impressa de 1582, na qual percebemos um maior número de ocorrências da palavra “maravilha” e suas derivações. Isso se explica, em partes, pelo fato de que naquele momento, os leitores cada vez mais buscavam escritos de viagens que causassem o “maravilhamento”, a “admiração e o “assombro”¹⁵.

Tais maravilhas, presentes nos escritos de viagens e procuradas pelos leitores, recebiam diferentes mutações de acordo, por exemplo, com o destino do viajante, o grupo social do itinerante e o objetivo do deslocamento. Além do mais, como aponta Claude Kappler (1986), os pontos de vista e interesses descritivos variavam de acordo com o contexto histórico. Assim, percebemos obras que fazem um conglomerado de maravilhas, como o livro de Jean de Mandeville, em contraste à outras, possuidoras de menos admiração, como a obra de João de Pian del Carpini.

Em suma, podemos apontar que o maravilhamento apresenta variações conforme o viajante, de acordo com o contexto e também em concordância ao destino do itinerário. Fato é que, tal qual um plano de fundo em uma peça de teatro, percebemos uma noção ampla do maravilhoso entre os viajantes, ligado sobretudo aquilo que é diferente, podendo ser, por exemplo, terras e lugares, seres humanos ou antropomórficos, homens e mulheres

12. Na versão de 1582: “(...) el qual cauallo e cauallero es tan grande y la coluna tan alta que es una marauillofa cofa de ver, y esta figura de cauallero, que encima desta coluna estava dizefte que era del Emperador luftiniano” (p.12). Já na versão moderna observamos: “El caballero y el caballo son tan grandes, y la coluna, tan alta, que el conjunto es algo maravilloso de ver. Y esta imagen dicen que fue del emperador Justiniano, que edificó esta iglesia y hizo grandes hechos en su tempo contra los que eran los turcos de su tierra y su época” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1582, p. 77).

13. Na versão de 1582: “(...) e la gente de la caraca que avia escapado, que estavam en la dicha Yfla bien pensaban que la galeota era anegada, e perecida la gente dela e **ouieron** a marauilla quando a la galeota vieron fazer vela segun despues contauan (...)” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1582, p.18, grifo nosso). Já na versão moderna observamos: “Los genoveses que habían escapado del naufragio y que estaban en la dicha isla pensaban que la gente de la otra nave se había perdido, y se maravillaron al **verlos**, pues al anegarse su nave pensaban que la otra había naufragado y habían hecho oración por ellos” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 99, grifo nosso). A versão de 1782 segue a mesma linha da 1582: “(...) e la gente de la carraca que avia escapado que estaban en la dicha isla, bien pensaban, que la galeota era anegada e parecida la gente della, e ovieron á marauilla, quando á la galeota vieron facer vela, segun despues contaban (...)” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 1782, p. 75).

14. “ni las palabras ni la organización sintáctica del texto antiguo” (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 24)

15. CRISTÓVÃO, Fernando. Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Colombo. **Condicionalistas culturais da Literatura de Viagens**: estudos e Bibliografias. Coimbra: Almeida e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002, p.15-52.

com particularidades físicas, animais, *mischwesen*, ou objetos. A diferença está naquilo que provoca a maravilha, não na sua essência.

Nesta direção, pretendemos guiar nossa narrativa rumo ao esboço daquilo que provocou a maravilha em Ruy González de Clavijo, partindo da utilização do termo “maravilha” e suas derivações semânticas. Seguiremos a divisão em capítulos elaborada por Francisco López Estrada, visando direcionar e situar o leitor no deslocamento da embaixada castelhana.

A primeira ocorrência acontece já no início, no trecho que recebe o nome “De Sanlúcar a Rodas” e apresenta a descrição dos dias iniciais de navegação pelas ilhas mais próximas a Castela. Neste momento aparece somente uma manifestação maravilhosa, descrita entre a cidade de Gaeta e um lugar denominado Mota, cuja necessidade de locomoção de uma localidade a outra leva a travessia por uma estrada muito povoada e cheia de pedras. “E isso é tão prazeroso [de ver] desde a cidade, que é uma maravilha o ver”¹⁶ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 42, tradução nossa).

Já as duas maravilhas do segundo capítulo, intitulado “De Rodas a Constantinopla”, são formadas diferentemente do primeiro, visto estarem ligadas a algo que os viajantes ouviram falar. Assim, estando eles na ilha Metellin, lhes contam que há muito tempo, aproximadamente vinte anos, aconteceu uma grande “maravilha”: um terremoto matou todos os que estavam no castelo, menos Micer Juan de Catalus, sendo “uma grande maravilha que [ele] conseguiu escapar”¹⁷ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 59, tradução nossa).

O espriar esteta dos viajantes ocorre no terceiro capítulo o qual recebe o nome de “La ciudad de Constantinopla”. Neste momento podemos encontrar a subjetividade do que causa a admiração nos viajantes¹⁸. De acordo com López Estrada, os membros da embaixada formavam um grupo de diferentes condições, no qual “havia conhecedores da geografia e ainda das Bellas Artes, em especial da arquitetura”¹⁹ (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p. 15, tradução nossa). Não é de se estranhar, portanto, que das 15 manifestações maravilhosas do terceiro capítulo, treze estão relacionadas às obras de arte. Dentre estas, quatro mosaicos, sete ligadas às colunas de pedras, esculturas de cavaleiros e igrejas, enquanto uma relaciona-se a uma imagem localizada em uma pedra.

Por fim, o maravilhamento no autor é ocasionado por dois fatos separados: o primeiro, no qual um homem levanta sozinho uma estátua, fato que antes eram necessários quatro homens para levantá-la. Não podendo explicar tal feito, o viajante justifica como uma linhagem de indivíduos que agradam a Deus. O segundo momento está ligado a uma

16. “Y todo es tan placentero desde la ciudad, que es una maravilla verlo” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 42)

17. “una gran maravilla que conseguiera escapar” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 59).

18. Aqui destacamos o fato dos embaixadores se maravilharem com a beleza de algumas obras, como por exemplo, a representação, “muy hermosa”, em mosaico, da genealogia de Jessé localizada na igreja de Santa Maria.

19. “había conocedores de la Geografía y aun de las Bellas Artes, en especial de la arquitectura” (LÓPEZ ESTRADA, 2004, p.15).

história, narrada aos embaixadores, de um homem que matou uma cobra, “muito grande a maravilha”, utilizando a própria mão.

O capítulo quatro, intitulado “De Pera a Constantinopla”, descreve os últimos deslocamentos dos viajantes por mar durante o trajeto de ida. Neste trajeto, tal qual enfrentado por outros viajantes, há a narração de um dos principais eventos que causavam medo aos itinerantes medievais: as tormentas²⁰. O acontecimento da tempestade é descrito em pormenores. Era impossível para os viajantes ultrapassar as altas ondas provocadas pelo mar, que geravam danos ao barco, pois não conseguiam enxergar, devido ausência de claridade. No momento em que a comitiva consegue sobreviver à tal intempere, é possível visualizar a maravilha, não só causada nos genoveses que viajavam junto aos embaixadores e estavam em outro barco, mas também naqueles que estavam em terra e presenciaram a atribulação.

Com o fim do deslocamento por mar durante a ida, observamos o surgimento de novas dificuldades aos viajantes, tal como montanhas, rios e cerras caídas. Novas formas de locomoção passam a ser utilizadas e o uso do cavalo passa a ser predominante, resultando em uma maior interação dos embaixadores com diferentes culturas. O capítulo “Trebisonda a Arzinga”, exemplifica de que maneira a relação com o diferente pode espantar, ao descrever o maravilhamento dos viajantes diante da quantidade de açoitados dados nos que deviam servir os viajantes, caso a realização da tarefa demorasse²¹.

Os embaixadores são envolvidos na maravilha causada pelo exagero, mas não se delimitam exclusivamente ao âmbito cultural, pois também se admiram em relação ao tamanho e a quantidade das coisas observadas. Assim, no sexto capítulo, no qual há a descrição do itinerário “De Arzinga a Soltania”, elementos como um campo abundante em ervas, a girafa e o tamanho de seu pescoço, bem como a exuberante erupção de sangue das bestas, ocasionada pelas mordidas de insetos, são descritos como manifestações maravilhosas.

Por outro lado, o capítulo seis continua demonstrando o espanto diante das construções. A presença de um castelo, tanto em cima de pedras, quanto sendo controlado por cristão em meio aos mulçumanos, são os exemplos, juntamente com a narração das mesquitas e casa feitas com “maravilhosas” obras de azulejos azul e cor de ouro, resultado da competição entre os homens mais ricos da cidade para qual construía mais maravilhosamente.

Pouco depois, o sétimo capítulo apresenta os últimos deslocamentos dos viajantes até chegarem ao seu objetivo final, o encontro com Tamerlão. A saída de “Soltania a

20, Cf. DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

21. No capítulo 5 observamos mais duas ocorrências da palavra “maravilha”, ambas relacionadas a narração dos contatos problemáticos entre Tamerlão e o turco Bayaceto: “El turco, que no sabia de Tamorlán, sino por aquel mensaje, y considerando que no había en el mundo quien fuese más poderoso que él, le entró um tal furor que fue maravilla. Escribió al punto sus cartas a Tamorlán diciéndole que se maravillaba que hubiese hombre tan loco y que se atrevese a enviarle decir tan gran insensatez (...)” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p.123).

Samarcanda” é iniciada em um domingo, 29 de junho, e conforme López Estrada (2004), os embaixadores já se encontravam em terras do Império de Tamerlão. Ao serem muito bem recebidos nas localidades, se maravilham com um falcão que lhes é oferecido para entregarem ao imperador.

No sábado, dia 12 de julho, visto alguns membros da embaixada estarem doentes, ocorre uma divisão dos membros da comitiva. Ruy González de Clavijo continua a viagem e no domingo, junto aos demais, dorme no campo. Na segunda feira, 14 de julho, ao meio dia, chegam ao castelo de Perescote, localidade em que Tamerlão estava, dois dias antes. Ao deixar o castelã, o Imperador solicitou que avisassem os embaixadores que fossem o mais rápido possível ao seu encontro. O calor e o vento de algumas cidades no decorrer do caminho “maravilha” os viajantes.

Tamerlão tinha pressa em ver os embaixadores e, após mais alguns dias de viagem, envia cavalos descansados para que fossem ainda mais rápidos “que se pudessem, [andassem] tanto de dia como de noite”²² (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p.158, tradução nossa). Tanta precipitação, entretanto, não impossibilita os itinerantes de se maravilharem durante a trajetória até Samarcanda. Dentre os espantos, destacamos a quantidade de cavalos mortos, o elevado número de açoites dados na demora em servir, o medo que uma região possuía do senhor, o rio do Paraíso, casas e construções com obras em azul e ouro e de muitas outras cores.

O capítulo oito não difere dos demais e, para além disso, há um maior número de ocorrências da palavra “maravilha” e suas derivações semânticas: são dezenove ocorrências. Nesta direção, muitos elementos no contato com Tamerlão assombram os embaixadores, os costumes na mesa, por exemplo, com a grande quantidade de comida, ou as grandes festas na corte, repletas de barulho excessivo, ruídos e alegria.

Já nas andanças por Samarcanda, os viajantes descrevem em pormenores as tendas que os maravilham, por sua quantidade e arquitetura. A cidade era muito bem abastecida, com bastantes melões e uvas, possuía admirável quantidade de pessoas, com isso, havia mão-de-obra disponível, que poderia ser utilizada para construir grandes obras arquitetônicas, em dez ou vinte dias.

Durante a permanência em Samarcanda, são contadas histórias referentes a Tamerlão²³. Igualmente, os embaixadores escutam descrições maravilhosas do elevado número de pessoas e riquezas da corte do Grande Cã. Entretanto, não só em outras regiões havia riqueza, a admiração surge em Samarcanda quando uma árvore, repleta de ouro e pedras preciosas, é vista pelos itinerantes.

Por fim, os viajantes se maravilham com a forma que são ordenados a regressarem. Ao receberem a notícia de que teriam que ir deixar a capital do Império no dia seguinte, sem resposta à carta enviada pelo Rei de Castela,

22. “y que fusen detrás de él lo más aprisa que pudiesen, tanto de día como de noche” (CLAVIJO, 2004, p.158)

23. Neste trecho há duas maravilhas, momento em que determinados personagens se “maravilham” por não terem sido mortos e na ocasião em que Tamerlão se finge de morto e “maravilha” seus inimigos.

Os embaixadores foram logo ao palácio do senhor e estiveram com os mirazes os dizendo que bem sabiam que o senhor, de sua boca, os havia dito na segunda-feira anterior que foram a ele, que queria falar com eles e os despedir e que agora havia ido a eles um chacatí [o qual] os havia dito de sua parte que se preparassem para ir dali no outro dia, do qual estavam maravilhados²⁴ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004 p. 233, tradução nossa).

Tal fato ocorreu devido à fraqueza de Tamerlão, o que impossibilitava o imperador de responder os viajantes. A volta a Castela se faz nos últimos dois capítulos, denominados, respectivamente, “De Samarcanda a Trebisonda” e “De Trebisonda a Alcalá de Henares”, com duas manifestações maravilhosas no primeiro, relacionadas ao grande vento e ao frio.

4 I CONCLUSÃO

Na direção dos estudos de Jacques Le Goff, compreendemos o principal problema do estudo das maravilhas na Idade Média relacionado com o vocabulário. Assim, destacamos a existência do maravilhoso em três âmbitos diferentes, os quais devem ser compreendidos em conjunto. Em primeiro lugar, há a questão circundante ao entendimento contemporâneo do termo; em seguida, a perspectiva ampla do conceito na época em estudo; por fim, a individualidade na relação com a palavra presente em cada fonte.

Fragmentando esses três pontos e os unindo na análise da obra *Embajada a Tamorlán*, percebemos que o maravilhamento não estava relacionado unicamente a magia, aos monstros ou aos milagres. Ao contrário, a admiração ocorre sobretudo diante do diferente, este podendo ser, por exemplo, uma grande obra arquitetônica, o exagerado número de açoites, a sobrevivência a uma grande tormenta, a quantidade de cavalos mortos, ao elevado calor ou frio, entre outros elementos.

O nunca visto antes é o que causa no diferente a admiração, como bem explica Clavijo ao falar sobre a girafa: “Assim, [para] quem ainda não a havia visto, vê-la se parecia com uma maravilha”²⁵ (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 137, tradução nossa). Mas não é tudo no dissemelhante que espanta. Jean de Mandeville, por exemplo, ao fazer um acoplado das maravilhas do Oriente não demonstra tanto assombro diante das obras arquitetônicas e dos mosaicos de Constantinopla tal qual os embaixadores neste escrito analisado.

Há, então, uma subjetividade no maravilhamento que exclui certas formas de generalidade como a defendida por Claude Kappler (1986), referente ao gosto pelo novo e o extraordinário na Cristandade não ligado ao belo²⁶. Em contraste a isso, Clavijo demonstra

24. Los embajadores fueron luego al palácio del señor y estuvieron con los mirazes diciéndoles que bien sabían que el señor, de su boca, les había dicho el jueves antes que vinieran a él, que quería hablar con ellos y despedirlos y que ahora había ido a ellos un chacatí que les había dicho de su parte que se preparasen para irse de allí el otro día, de lo cual estaban maravillados (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 233).

25. “Así que quien no la hubiese visto, verla le parecía una maravilla” (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2004, p. 137).

26. Claude Kappler quando fala do sentido do maravilhoso na Idade Média pontua que: “Su sentido sigue siendo el del verbo latino *mirari*, que indica admiración, sorpresa, gusto por lo nuevo y extraordinario, no por lo bello” (KAPPLER, 1986, p. 55-56).

se maravilhar diante às “hermosas obras mosaicas” presentes em Constantinopla. Por ser apreciador das “Bellas Artes”, o embaixador dedica também especial atenção as cores, como o azul e o dourado.

Por fim, podemos concluir também que o “maravilhoso” pode ser observado como uma sensibilidade, ligado a subjetividade. Analisado de forma individual nas fontes, por meio do uso do termo, é possível atingirmos uma ampliação dos diferentes sentidos que cada indivíduo dava as coisas diferentes deslumbradas nas viagens ao Oriente.

REFERÊNCIAS

Fontes

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Historia del gran Tamorlan e itinerário y enarracion del viaje, y relación de la Embaxada que Ruy Gonçalez de Clavijo le hizo, por mandado del muy poderoso Señor Rey Don Henrique el Tercero de Caftilla**. Y un discurso fecho por Gonçalo Argote de Molina, para mayor inteligéncia deste libro. Sevilla, en casa de Andrea Pescioni, 1582.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Historia del gran Tamorlan, e itinerário y enarracion del viagem, y relacion de la Embajada que Ruy Gonzalez de Clavijo le hizo por mandado del muy poderoso señor Rey Don Henrique el Tercero de Castilla**: y um breve discurso fecho por Gonzalo Argote de Molina para mayor inteligéncia deste Libro. Segunda impresion, a que se ha añadido la vida del Gran Tamorlan sacada de los comentários, que escribió Don Garcia de Silva y Figueroa, de su Embajada al Rey de Persia. Madrid, Imprenta de don Antonio Sancha, 1782.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Tradução de Francisco López Estrada. Madrid: Editorial Castalia, 2004.

Bibliografia

ACOSTA, Vladimir. **Viajeros y maravillas**. Tomo III. Venezuela: Monte Avila Editores Latinoamericana, 1992.

AMORIM, Maria Adelina. Viagem e *mirabilia*: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, Fernando (org.). **Condicionantes culturais da Literatura de Viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almeida e Centro de Literaturas de Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002, p. 127-155.

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme de Almeida, 2015.

AZUELA BERNAL, María Cristina. Lo maravilloso entre el paganismo y el cristianismo: la materia de Bretaña y la herencia celta. In: ALAVEZ, I.; GUITIÉRREZ, D. **História y literatura**: maravilhas, magia y milagros en el Occidente Medieval. México: UNAM, 2015, p.15-33.

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos**: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CRISTÓVÃO, Fernando. Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando. **Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: estudos e Bibliografias**. Coimbra: Almeida e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002, p.15-52.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

FALASCO, Rafael de Oliveira. **A expressão da cultura nobiliárquica nos livros de viagens medievais**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2012.

GEELHAAR, Tim. Talking about christianistas at the time of Innocent III (1198-1216): what does word use contribute to the History of concepts?. **Contributions to the History of Concepts**, vol. 10, 2015, p.7-28.

KAPPLER, Claude. **Monstruos, demônios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España: Ediciones Akal, 1986.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 134-146.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. Introdução. In: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 2004.

_____. Introdução. In: GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Madrid: Editorial Castalia, 1999.

_____. Ruy González de Clavijo: La Embajada a Tamorlán. Relato del viaje hasta Samarcanda y regreso (1403 – 1406). **Arbor**, Espanha, 2005, p. 515-535.

MARROU, Henri-Iréné. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

NOGALES RINCÓN, David. Admiración, extrañeza y construcción del discurso narrativo de la crónica real: Emoción de la maravilla y representación política em la Castilla bajomedieval. **e-Spania: revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes**, n. 27, 2017.

VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um maravilhoso imaginário: cartografia e literatura na Baixa Idade Média e no Renascimento**. Jundiá, SP: Paco Editorial, 2017.

VEYNE, Paul. A história conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora S. A., 1995. p. 64-88.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020